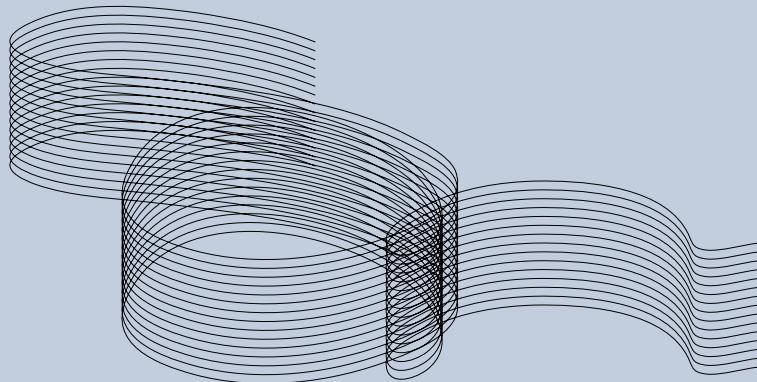


Laboratório de Análises Econômicas, Históricas,
Sociais e Estatísticas das Relações Raciais

TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica mensal sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado de
trabalho metropolitano brasileiro

Ano III; Vol. 3; nº 3, Março, 2011

(balanço dos oito anos do Governo Lula sobre as
assimetrias de cor ou raça, parte 2)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
2. Rendimento habitual médio do trabalho principal
3. Evolução da taxa de desemprego
4. Ocupação segundo setor de atividade econômica
5. Comentários sintéticos finais

1. Apresentação

Com o presente número, o LAESER dá continuidade ao boletim eletrônico “Tempo em Curso”, já em seu terceiro ano, 17ª edição.

Os indicadores desta publicação são os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados, mensalmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br), e tabulados pelo LAESER no banco de dados “Tempo em Curso”.

A PME coleta informações sobre o mercado de trabalho das seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras. Da mais ao Norte, para a mais ao Sul: Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

No que tange aos indicadores do mercado de trabalho, serão analisados os dados de evolução do rendimento médio do trabalho principal habitualmente recebido e da taxa de desemprego. Como de hábito, para ambos os indicadores, a análise verterá inicialmente sobre um intervalo de tempo de curto prazo de um mês (janeiro 2010 a janeiro 2011). Posteriormente, será feita uma

comparação para um intervalo de tempo mais longo, compreendido entre janeiro de 2002 e janeiro de 2011.

Neste número, o eixo da reflexão continuará sendo um balanço dos oito anos do governo Lula (2003-2010), em termos de como se deu a evolução dos indicadores das desigualdades de cor ou raça no Brasil neste período. Assim, este número do “Tempo em Curso” traz um desdobramento do estudo anterior, quando foram analisados os indicadores sobre a evolução da posição na ocupação. Na presente edição, o eixo da reflexão será sobre os indicadores de ocupação no mercado de trabalho segundo ramo de atividade econômica.

No número anterior do “Tempo em Curso” foram feitas análises específicas tanto sobre a metodologia do estudo como comentários acerca da evolução de alguns indicadores macroeconômicos durante o período Lula (2003-2010). Para evitar a redundância, recomenda-se que o leitor tenha em mãos aquelas informações no momento de proceder a análise dos indicadores que seguem neste número desta publicação eletrônica.

2. Rendimento habitual médio do trabalho principal (tabelas 1 e 2)

O rendimento médio do trabalho principal habitualmente recebido pela PEA das seis maiores RMs brasileiras no primeiro mês do ano de 2011 foi igual a R\$ 1.538,27. Este valor correspondeu a uma ligeira elevação, de 0,5%, em relação ao mês de dezembro do ano anterior. Na comparação com o mês de janeiro de 2010, ocorreu uma elevação em termos reais naquele valor em 5,3%.

Tabela 1. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, jan / 10 – jan/ 11 (em R\$ - jan 11, INPC)

	2010												2011
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Homens Brancos	2.155,70	2.191,28	2.190,98	2.192,79	2.148,76	2.117,88	2.203,77	2.275,84	2.291,73	2.278,66	2.210,08	2.239,25	2.268,15
Mulheres Brancas	1.528,49	1.543,89	1.555,73	1.557,50	1.521,90	1.542,85	1.562,62	1.544,84	1.589,14	1.620,27	1.627,76	1.567,74	1.580,81
Brancos	1.867,69	1.893,96	1.899,16	1.901,03	1.860,61	1.853,08	1.908,63	1.939,19	1.966,13	1.975,88	1.944,27	1.929,77	1.948,96
Homens Pretos & Pardos	1.090,23	1.114,30	1.114,79	1.115,02	1.125,59	1.139,66	1.145,57	1.166,08	1.182,82	1.190,54	1.203,98	1.197,78	1.194,63
Mulheres Pretas & Pardas	808,31	814,00	813,42	803,14	817,59	842,91	852,59	863,57	861,55	869,42	862,32	873,87	876,05
Pretos & Pardos	965,37	981,98	982,34	978,48	990,50	1.009,40	1.016,19	1.032,72	1.040,45	1.048,00	1.052,48	1.053,84	1.053,90
PEA Total	1.460,28	1.477,13	1.482,38	1.483,28	1.470,04	1.477,96	1.510,16	1.531,16	1.550,60	1.554,63	1.542,00	1.530,62	1.538,27

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Em janeiro de 2011, o rendimento médio do trabalho principal da PEA branca foi de R\$ 1.948,96. Este valor, comparativamente ao mês anterior, correspondeu a uma queda em termos reais de 1,0%. Na comparação com o mês de janeiro de 2010, o rendimento médio dos trabalhadores deste grupo de cor ou raça percebeu evolução positiva de 4,4%.

No primeiro mês do ano de 2011, a PEA metropolitana preta & parda obteve um rendimento habitual médio de R\$ 1.053,90. Este valor, em termos reais, manteve-se estável em relação ao mês anterior. Na comparação com janeiro de 2010, a PEA deste grupo de cor ou raça teve uma evolução mais significativa: 9,2%.

O rendimento médio dos trabalhadores brancos do sexo masculino foi de R\$ 2.268,15, no mês de janeiro de 2011. Este valor, na comparação com o mês anterior, observou valorização real de R\$ 1,3% e, na comparação com o mesmo mês do ano de 2010, teve valorização de 5,2%.

O rendimento médio dos trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino, no último mês de 2010, foi de R\$ 1.194,63. Em termos reais, na comparação com o mês de dezembro de 2010, o rendimento dos trabalhadores deste grupo de cor ou raça e sexo apresentou involução de 0,3%. Já na comparação com o mês de dezembro de 2009, ocorreu uma evolução positiva mais robusta: 9,6%.

No contingente do sexo feminino, em janeiro de 2011, as trabalhadoras brancas tiveram um rendimento habitual médio de R\$ 1.580,81. Já trabalhadoras pretas & pardas perceberam rendimento médio de R\$ 876,05.

Na comparação com o mês de dezembro de 2010, as

trabalhadoras brancas das seis maiores RMs brasileiras tiveram elevação real de seus rendimentos em 0,8%. Quando comparado ao mês de janeiro de 2010, todavia, ocorreu aumento em termos reais de 3,4%.

No caso das trabalhadoras pretas & pardas, o rendimento médio do trabalho principal em janeiro de 2011 foi, em termos reais, 0,2% superior ao observado no mês anterior. Na comparação com o mês de janeiro de 2010, ocorreu uma evolução positiva de 8,4%.

Em janeiro de 2011, as assimetrias de cor ou raça entre os trabalhadores brancos de ambos os sexos, de um lado, e os trabalhadores pretos & pardos de ambos os sexos, de outro, foram 84,9% favoráveis aos primeiros. Assim, no que tange as desigualdades de cor ou raça, o primeiro mês de 2011 foi iniciado com uma elevação em 1,8 ponto percentual em relação ao mês anterior. Por outro lado, comparando com o cenário de janeiro de 2010, as diferenças entre ambos os grupos de cor ou raça caíram 8,5 pontos percentuais.

No primeiro mês deste ano de 2011, a assimetria entre os homens brancos e homens pretos & pardos em termos do rendimento médio do trabalho principal foi de 89,9%. Na comparação com o mês de dezembro de 2010, a desigualdade de cor ou raça no interior deste grupo aumentou em 2,9 pontos percentuais. Todavia, na comparação com o cenário verificado em janeiro de 2010, as desigualdades caíram 7,9 pontos percentuais.

No contingente trabalhador do sexo feminino, a diferença na remuneração média do trabalho principal da PEA branca e da PEA preta & parda, em janeiro de 2011, chegou a 80,4%. Este valor relativo foi um ponto

Tabela 2. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, jan / 03 – jan / 11 (em R\$ - jan / 11, INPC)

	Janeiro								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Homens Brancos	1.909,30	1.775,40	1.820,54	1.841,82	1.980,49	2.040,29	2.163,85	2.155,70	2.268,15
Mulheres Brancas	1.353,07	1.270,82	1.283,53	1.294,72	1.374,70	1.414,60	1.534,26	1.528,49	1.580,81
Brancos	1.670,89	1.554,08	1.602,94	1.598,77	1.712,04	1.757,96	1.874,45	1.867,69	1.948,96
Homens Pretos & Pardos	917,80	895,18	863,03	940,29	965,00	1.011,09	1.094,35	1.090,23	1.194,63
Mulheres Pretas & Pardas	642,65	624,01	638,53	662,27	681,19	731,50	811,36	808,31	876,05
Pretos & Pardos	802,92	784,54	770,39	822,29	843,15	891,00	969,02	965,37	1.053,90
PEA Total	1.321,07	1.242,85	1.258,18	1.278,74	1.339,83	1.384,47	1.465,80	1.460,28	1.538,27

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Nota 2: Os dados dos anos 2006 e 2007 diferem levemente dos apresentados no portal do IBGE e poderão sofrer uma correção

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

percentual superior ao quadro ocorrido em dezembro de 2010, porém, 8,6 pontos percentuais inferior ao cenário encontrado em janeiro de 2010.

No mês de janeiro de 2011, o rendimento habitualmente recebido pelos trabalhadores brancos do sexo masculino foram 158,9% superior ao mesmo indicador das mulheres pretas & pardas. No mesmo mês, o rendimento médio das trabalhadoras brancas era 32,3% superior ao rendimento dos trabalhadores pretos & pardos.

Em janeiro de 2003, primeiro mês do mandato do ex-presidente Lula, o rendimento habitual médio do trabalho principal da PEA das seis maiores RMs brasileiras, a preços de dezembro de 2010, era igual a R\$ 1.321,07. No último mês de mandato do governo petista, este valor havia percebido valorização em termos reais de 16,4%.

Quando o dado acima é desagregado pelos grupos de cor ou raça, pode-se observar que o período entre janeiro de 2003 e janeiro de 2010 foi marcado por uma sensível queda das desigualdades entre os contingentes brancos, de um lado, e preto & pardo, de outro. Desta forma, no caso da PEA metropolitana branca, ocorreu uma elevação no rendimento habitual médio em termos reais de 16,6%. Já no caso da PEA metropolitana preta & parda, no mesmo intervalo, o mesmo indicador percebeu evolução de 31,3%, revelando ter sido aquele lapso de tempo expressamente favorável à elevação do patamar de rendimento dos trabalhadores deste último grupo.

Decompondo esta última informação pelos grupos de sexo, mais uma vez poderão ser percebidos ritmos diferenciados de evolução do indicador do rendimento habitual médio do trabalho principal. Assim, entre janeiro de 2003 e janeiro de 2011, os homens brancos obtiveram elevação média em termos reais de 18,8%. Os homens pretos & pardos perceberam evolução positiva de 30,2%. No contingente do sexo feminino, as trabalhadoras brancas obtiveram elevação real em termos de seus rendimentos habituais de 16,8%. No caso das trabalhadoras pretas & pardas, esta evolução foi de expressivos 36,3%.

Naturalmente, diante das distintas evoluções dos níveis dos rendimentos habituais médios, tal como verificados no parágrafo anterior, o período compreendido entre janeiro de 2003 e janeiro de 2011 foi marcado pela queda das assimetrias de cor ou raça. Assim, naquele que foi o primeiro mês do mandato de Lula, as assimetrias de cor ou raça entre brancos, de um lado, e pretos & pardos, de outro, eram de 108,1%, favoravelmente aos

primeiros. Oito anos depois, as diferenças entre os dois contingentes haviam se reduzido para 84,9%, favoravelmente aos trabalhadores brancos, correspondendo a uma queda nas diferenças em 23,2 pontos percentuais.

Também quando a informação acima é analisada de forma desagregada pelos grupos de sexo, foram identificadas quedas nas assimetrias de cor ou raça. Desta forma, no período entre janeiro de 2003 e de 2011, as desigualdades de cor ou raça, favoráveis aos trabalhadores brancos do sexo masculino comparativamente aos trabalhadores pretos & pardos do mesmo gênero, declinaram de 108,0%, para 89,9%, significando uma redução de 18,2 pontos percentuais. No caso das mulheres, em janeiro de 2003, as brancas auferiam rendimentos médios 110,5% superior às pretas & pardas. Oito anos depois esta diferença declinou para 80,4%, correspondente a uma queda de 30,1 pontos percentuais.

Observando a série de janeiro para o intervalo de tempo 2003-2011, o ocorrido no primeiro mês deste ano correspondeu à menor diferença nos respectivos rendimentos habituais médios do trabalho principal.

3. Evolução da taxa de desemprego (tabelas 3 e 4)

Em janeiro de 2011, a taxa de desemprego aberto da PEA das seis maiores RMs brasileiras foi de 6,1%. Este número relativo correspondeu a uma elevação de 0,8 ponto percentual em relação ao mês de dezembro. Este movimento, de algum modo, já podia ser esperado tendo em vista que o último mês de cada ano costuma ser marcado pelo incremento das atividades econômicas, especialmente o comércio, devido às festas de final de ano. De qualquer forma, o comportamento deste indicador neste primeiro mês do ano de 2011 também pode estar referido às mudanças nas políticas econômicas do atual governo de Dilma Rousseff, que visando o controle da inflação, vem praticando elevação na taxa de juros. Não obstante, na comparação com o mês de janeiro de 2010, a queda na taxa de desemprego foi de 1,2 ponto percentual.

No que tange à PEA de cor ou raça branca, a taxa de desemprego em janeiro de 2011 foi de 5,1%. Este percentual foi 0,7 ponto percentual superior ao mês de dezembro de 2010, porém, 1,1 ponto percentual inferior ao cenário observado em janeiro de 2010.

A PEA de cor ou raça preta & parda chegou ao mês de janeiro de 2011 apresentando uma taxa de de-

Tabela 3. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, jan / 10 – jan / 11 (em % da PEA)

	2010												2011
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Homens Brancos	5,0	5,4	5,1	5,1	4,7	4,5	4,3	4,4	4,0	4,1	3,8	3,5	4,4
Mulheres Brancas	7,5	7,5	8,0	7,4	7,4	7,2	7,1	6,8	6,5	6,4	5,8	5,5	5,9
Brancos	6,2	6,4	6,5	6,2	6,0	5,8	5,6	5,6	5,2	5,2	4,7	4,4	5,1
Homens Pretos & Pardos	6,8	6,6	6,7	6,6	6,6	6,2	6,6	6,0	5,6	5,3	4,9	4,7	5,2
Mulheres Pretas & Pardas	10,5	10,8	11,5	11,0	12,4	11,3	10,9	10,7	9,7	9,4	9,3	8,2	9,4
Pretos & Pardos	8,5	8,5	8,9	8,6	9,2	8,5	8,5	8,1	7,5	7,1	6,9	6,3	7,1
PEA Total	7,2	7,4	7,6	7,3	7,5	7,0	6,9	6,7	6,2	6,1	5,7	5,3	6,1

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

semprego de 7,1%. Este percentual, na comparação com o mês imediatamente anterior, correspondeu a uma elevação de 0,9 ponto percentual. Todavia, na comparação com o mês de janeiro de 2010, o mesmo indicador deste grupo de cor ou raça declinou 1,3 ponto percentual.

A taxa de desemprego dos homens brancos em janeiro de 2011 foi de 4,4%. Comparando-se com dezembro de 2010, se observa que ocorreu uma elevação no indicador em 0,9 ponto percentual. Na comparação com o mês de janeiro de 2010, porém, ocorreu uma redução no indicador em 0,6 ponto percentual.

Em janeiro de 2011, a PEA preta & parda do sexo masculino apresentou uma taxa de desemprego igual a 5,2%. Na comparação com o último mês do ano de 2010, a taxa de desemprego da PEA deste grupo de cor ou raça aumentou 0,5 ponto percentual. No comparativo entre os meses de janeiro de 2011 e de 2010, a taxa de desemprego dos trabalhadores pretos & pardos declinou 1,5 ponto percentual.

No contingente do sexo feminino, a taxa de desemprego das mulheres brancas chegou, em dezembro de 2010, à casa de 5,9%. Já as trabalhadoras pretas & pardas, neste mesmo mês, apresentaram taxa de crescimento de 9,4%.

A taxa de desemprego das trabalhadoras brancas no primeiro mês de 2011 foi menor em 0,4 ponto percentual do que a observada em dezembro de 2010 e, 1,6 ponto percentual menor do que se verificou um ano antes.

No que tange às mulheres pretas & pardas, o mesmo indicador, em janeiro de 2011, foi 1,3 ponto percentual superior do que o observado no mês imediatamente anterior e 1,1 ponto percentual menor do que foi verificado em janeiro de 2010. De qualquer forma, frise-se que no primeiro mês de 2011, na comparação entre os grupos de cor ou raça e sexo, foi justamente entre a PEA preta & parda do sexo feminino que ocorreu o maior incremento na taxa de desemprego.

Numa análise temporal abrangendo a série de janeiro de 2003 e de 2001, tal como o indicador de rendimen-

Tabela 4. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, jan / 03 – jan / 11 (em % da PEA)

	Janeiro									
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Homens Brancos	8,2	8,2	6,7	6,2	6,4	5,2	5,7	5,0	4,4	
Mulheres Brancas	11,3	12,1	10,6	8,8	9,3	8,8	8,5	7,5	5,9	
Brancos	9,6	10,0	8,5	7,4	7,7	6,9	7,0	6,2	5,1	
Homens Pretos & Pardos	11,0	11,3	9,5	9,4	9,1	7,5	7,0	6,8	5,2	
Mulheres Pretas & Pardas	16,5	17,7	16,3	14,6	13,9	12,0	12,8	10,5	9,4	
Pretos & Pardos	13,4	14,1	12,5	11,7	11,2	9,5	9,6	8,5	7,1	
PEA Total	11,2	11,7	10,2	9,2	9,3	8,0	8,2	7,2	6,1	

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

to, também o da taxa de desemprego expressou as melhorias ocorridas no mercado de trabalho metropolitano brasileiro no período. Assim, na comparação daquele período, a PEA residente nas seis maiores RMs brasileiras apresentou declínio na taxa de desemprego de expressivos 5,1 pontos percentuais. No mesmo rumo, na série de janeiro, o do ano de 2011 foi o mais baixo dentro deste intervalo de tempo.

Quando a evolução da taxa de desemprego durante a série de janeiro entre 2003 e 2011 é desagregada pelos grupos de cor ou raça e sexo, verifica-se que em todos os casos o indicador caminhou no sentido de sua redução. No caso da PEA branca, a queda foi de 4,5 pontos percentuais. No caso da PEA preta & parda, o declínio do indicador foi de 6,2 pontos percentuais.

Quando o indicador acima é decomposto também pelos grupos de gênero, mais uma vez, se observa que em todos os quatro contingentes de cor ou raça e sexo ocorreram robustas reduções na taxa de desemprego entre janeiro de 2003 e de 2011: homens brancos em 3,8 pontos percentuais; homens pretos & pardos em 5,7 pontos percentuais; mulheres brancas em 5,4 pontos percentuais, e mulheres pretas & pardas em 7,1 pontos percentuais. Neste caso, ao contrário do que ocorreu entre o mês de janeiro de 2011 e dezembro de 2010, na comparação entre os grupos de cor ou raça e sexo, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas foi a que mais declinou naquele período de oito anos.

Na série do mês de janeiro entre 2003 e 2011, a distância entre a taxa de desemprego da PEA preta & parda, de um lado, e da PEA branca, de outro, se reduziu de 3,8 para 2,0 pontos percentuais. No contingente masculino a mesma diferença declinou de 2,8 para 0,8 ponto percentual. No caso da PEA do sexo feminino, em janeiro de 2003 a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas era 5,2 pontos percentuais superior ao mesmo indicador das mulheres brancas. Em janeiro de 2011, esta diferença havia declinado para 3,5 pontos percentuais.

Tal como foi mencionado na edição passada do "Tempo em Curso", mais uma vez chama-se a atenção para o fato de que se é bem verdade que ocorreu um declínio da diferença na taxa de desemprego dos pretos & pardos e dos brancos (incluindo sua desagregação pelos grupos de sexo), tal fato não deve ser confundido como uma superação nas tradicionais assimetrias observadas neste indicador. Assim, usando como exemplo uma comparação entre o grupo com pior e melhor situação

neste indicador; ainda em janeiro de 2011 a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas era 5,0 pontos percentuais superior a dos homens brancos.

4. Ocupação segundo ramo de atividade econômica

Nesta seção serão feitos comentários específicos acerca da evolução dos indicadores de ocupação desagregados pelas posições ocupacionais. A comparação verterá sobre o ano imediatamente anterior ao início do governo de Lula, 2002, e o último ano do mandato deste ex-presidente, 2010. Tal como feito no último número do "Tempo em Curso", é importante insistir em três comentários metodológicos iniciais.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que será feita uma comparação entre a evolução da ocupação segundo o ramo de atividade econômica, tomando a média da ocupação durante o ano. Por exemplo, se fosse tomado apenas o mês de janeiro como parâmetro, ter-se-ia o risco de que a análise ficasse detida a um mês no qual, em geral, o mercado de trabalho se encontra menos aquecido por ser o período imediatamente posterior às festas de final de ano. Assim, se buscou evitar que algum efeito conjuntural específico ou sazonal compromettesse a qualidade da análise.

Em segundo lugar, é necessário explicar que, em 2002, a PME passou por uma revisão metodológica. Assim, a PME realizada segundo a nova metodologia somente passou a ser divulgada pelo IBGE a partir de março daquele ano. Portanto, diferentemente do que acontece nos anos sucessivos, na série daquele ano estão disponíveis apenas 10 meses. Deste modo, para garantir a comparabilidade entre os anos, a comparação intertemporal realizada esteve baseada na média dos meses entre março e dezembro, tanto para 2002, quanto para 2010.

Cabe destacar que a divisão dos sete ramos de atividade contida neste estudo foi realizada a partir da variável derivada da própria base de dados da PME/IBGE, que por sua vez é uma síntese dos 21 ramos contidos na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), fundada em metodologia deste mesmo órgão. Assim, no título de cada coluna estão contidas as seguintes atividades:

- **Indústria:** pessoas ocupadas na semana de referência na indústria extrativa e de transformação e produção e distribuição de eletricidade, gás e água no trabalho principal;

- **Construção:** pessoas ocupadas na semana de referência na construção no trabalho principal;
- **Comércio:** pessoas ocupadas na semana de referência no comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis no trabalho principal;
- **Intermediação financeira e etc:** pessoas ocupadas na semana de referência na intermediação financeira e atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados à empresa no trabalho principal;
- **Administração pública:** pessoas ocupadas na semana de referência na administração pública, defesa, segurança social, educação, saúde e serviços sociais no trabalho principal;
- **Serviços domésticos:** pessoas ocupadas na semana de referência nos serviços domésticos no trabalho principal;
- **Outros serviços e atividades:** pessoas ocupadas na semana de referência em outros serviços e em outras atividades no trabalho principal.

Finalmente, chama-se a atenção do leitor de que os indicadores abaixo se referem somente à PEA ocupada, não englobando, portanto, a parcela da PEA que se encontra em situação de desemprego.

4.a. Saldo da ocupação segundo ramo de atividade econômica (tabelas 5 e 6)

Entre os anos de 2002 e 2011, a PEA ocupada das seis maiores RMs brasileiras cresceu em cerca de 4,3 milhões de pessoas. Numa média simples, este número correspondeu a um crescimento médio de aproximadamente 539,6 mil trabalhadores por ano. Em termos

relativos, no mesmo período, ocorreu um aumento de 24,3% na ocupação.

Conforme já mencionado no número anterior do "Tempo em Curso", o saldo verificado no tamanho da PEA ocupada contou com o aumento da presença feminina no mercado de trabalho. Assim, ao passo que os trabalhadores do sexo masculino ampliaram seu número em cerca de 1,9 milhões de pessoas (aumento relativo de 18,3%), no caso da PEA ocupada do sexo feminino este crescimento foi de cerca de 2,4 milhões de trabalhadoras (aumento relativo de 32,0%).

No período entre 2002 e 2010, igualmente se deu um paulatino aumento da presença relativa de pretos & pardos na PEA ocupada das seis maiores RMs brasileiras. Esta discrepância foi gerada pelos diferentes ritmos de crescimento da PEA ocupada no mesmo intervalo: trabalhadores brancos, 16,8%; trabalhadores pretos & pardos, 34,7%. Assim, naquele primeiro ano, a PEA ocupada branca respondia por 57,0% do contingente trabalhador, tendo este percentual declinado para 53,6%, oito anos depois. No mesmo rumo, a PEA ocupada preta & parda passou de 42,0% para 45,5%, no mesmo intervalo de tempo.

Vale salientar, de qualquer maneira, que este crescimento desproporcional do tamanho da PEA ocupada dos dois grupos de cor ou raça tanto pode ter sido efeito de dinâmicas demográficas diferenciadas (ou seja, por diferenças nas correspondentes taxas de crescimento vegetativo das duas populações), como pode estar associado a um movimento de mudança da forma de percepção da população residente em termos de sua cor ou raça, neste caso estando associado a fatores identitários ou políticos.

Tabela 5. Média de ocupados por ramo de atividade, Brasil, 2002 (em número de pessoas)

	Indústria	Construção	Comércio	Intermediação financeira etc	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços e Atividades
Homens Brancos	1.234.435	550.366	1.274.840	920.946	658.688	23.883	1.072.289
Mulheres Brancas	664.922	47.868	814.809	575.511	1.143.478	511.621	641.778
Brancos	1.899.357	598.234	2.089.649	1.496.456	1.802.166	535.504	1.714.068
Homens Pretos & Pardos	801.319	722.410	988.908	523.694	424.215	38.717	850.718
Mulheres Pretas & Pardas	392.819	31.785	557.448	246.786	599.660	796.952	491.504
Pretos & Pardos	1.194.138	754.195	1.546.356	770.480	1.023.875	835.669	1.342.222
Homens	2.055.844	1.277.606	2.291.995	1.462.588	1.093.483	62.987	1.942.264
Mulheres	1.067.467	80.891	1.386.584	835.884	1.762.423	1.313.756	1.144.999
PEA Total	3.123.312	1.358.497	3.678.579	2.298.472	2.855.905	1.376.743	3.087.263

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tabela 6. Média de ocupados por ramo de atividade, Brasil, 2010 (em número de pessoas)

	Indústria	Construção	Comércio	Intermediação financeira etc	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços e Atividades
Homens Brancos	1.287.732	605.468	1.237.927	1.192.767	773.889	31.126	1.240.684
Mulheres Brancas	759.120	53.351	951.582	861.604	1.411.477	573.385	861.856
Brancos	2.046.851	658.819	2.189.508	2.054.371	2.185.366	604.511	2.102.540
Homens Pretos & Pardos	1.037.699	952.340	1.120.142	804.606	520.411	45.691	1.122.920
Mulheres Pretas & Pardas	548.406	39.127	784.731	510.188	861.310	946.953	766.217
Pretos & Pardos	1.586.105	991.467	1.904.873	1.314.793	1.381.721	992.644	1.889.137
Homens	2.348.081	1.565.900	2.379.935	2.018.133	1.307.937	76.867	2.379.489
Mulheres	1.322.519	93.785	1.753.763	1.387.312	2.295.156	1.524.371	1.642.304
PEA Total	3.670.599	1.659.685	4.133.698	3.405.445	3.603.094	1.601.238	4.021.793

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Nota 2: média dos meses de março a dezembro para manter comparabilidade com o ano de 2002

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

No intervalo entre 2002 e 2010, também ocorreu um decréscimo da presença relativa da PEA ocupada branca do sexo masculina na PEA metropolitana ocupada. Assim, tendo observado crescimento em 11,1% no número de ocupados, a participação dos homens brancos no indicador declinou de 32,3%, para 28,8%. Já a PEA ocupada branca do sexo feminino obedeceu a um aumento de 24,4%. Com isso, este grupo ampliou sua presença relativa em ligeiro 0,1 ponto percentual, passando de 24,7%, para 24,8%.

O contingente preto & pardo do sexo masculino, naquele intervalo, cresceu 28,8%. Deste modo, este contingente ampliou sua presença na PEA ocupada metropolitana em 0,9 ponto percentual (24,5%, em 2002; 25,4%, em 2010). Já as trabalhadoras pretas & pardas apresentaram evolução positiva no número de ocupadas em 43,0%. Assim, sua presença relativa no conjunto da PEA metropolitana ocupada cresceu de maneira mais expressiva tendo ampliado sua participação de 17,5%, em 2002, para 20,2%, em 2010 (elevação de 2,6 pontos percentuais).

No ano de 2010, pode-se perceber que nas seis maiores RMs brasileiras o peso relativo dos trabalhadores brancos de ambos os sexos era superior à sua presença relativa na população brasileira como um todo. Esta desproporção entre a composição de cor ou raça da PEA metropolitana em relação aos indicadores nacionais decorre do já mencionado fato de que a PME cobre as seis maiores RMs brasileiras e não todo o país. Com isso, neste universo ocorre uma ampliação do peso relativo da RM de São Paulo (e mais secundariamente de Porto Alegre) cuja PEA é majoritariamente branca.

Naquele mesmo ano de 2010, os brancos participavam, relativamente, no interior do contingente ocupado, em uma proporção superior à sua participação na PEA ocupada nos ramos da administração pública (60,7%), intermediação financeira (60,3%) e indústria (55,8%). Embora com participação relativa inferior ao seu peso na PEA ocupada, a presença relativa de trabalhadores brancos era majoritária nos setores do comércio (53,0%) e dos outros serviços e atividades (52,3%). Finalmente sua presença relativa era inferior à metade do contingente ocupado na construção (39,7%) e nos serviços domésticos (37,8%).

Coerentemente, no ano de 2010, a presença relativa de pretos & pardos na PEA ocupada dos distintos ramos de atividade econômica era superior à sua presença na PEA ocupada como um todo, justamente, na construção (59,7%) e nos serviços domésticos (62,0%). A presença relativa de pretos & pardos era inferior à metade, mas superior à sua presença relativa na PEA ocupada no comércio (46,1%) e nos outros serviços e atividades (47,0%). A PEA preta & parda apresentava presença relativa inferior à sua presença relativa na PEA ocupada como um todo nos setores da administração pública (38,3%), da intermediação financeira (38,6%) e da indústria (43,2%).

Outro indicador interessante de ser analisado diz respeito ao saldo do número de ocupados ocorrido dentro do intervalo 2002-2010. Por saldo de ocupados entende-se o número de trabalhadores que passaram a se ocupar num determinado ramo de atividade subtraído do número de trabalhadores que deixaram de se ocupar no mesmo ramo. Naturalmente, este indicador

combina os já comentados aspectos demográficos com aspectos econômicos. Neste último caso, o indicador refletiria os diferentes dinamismos dos distintos ramos de atividade econômica e sua correspondente capacidade geradora de ocupações.

Entre 2002 e 2010, o maior saldo na ocupação se deu nas atividades de intermediação financeira e etc., com crescimento de cerca de 1,1 milhões de pessoas (crescimento de 48,2%). Em seguida, vieram os outros serviços e atividades (saldo de cerca de 935 mil pessoas, crescimento de 30,3%), a administração pública (saldo de cerca de 747 mil pessoas, crescimento de 26,2%), a indústria (saldo de cerca de 547 mil pessoas, crescimento de 17,5%), o comércio (saldo de cerca de 455 mil pessoas, crescimento de 12,4%), a construção (saldo de cerca de 301 mil pessoas, crescimento de 22,2%) e os serviços domésticos (saldo de cerca de 224 mil pessoas, crescimento de 16,3%).

No caso dos trabalhadores brancos de ambos os sexos, os maiores saldos em termos da ocupação por ramo de atividade foram: intermediação financeira e etc (em cerca de 558 mil pessoas, 37,3%), outros serviços e atividades (em cerca de 388 mil pessoas, 22,7%), administração pública (em cerca de 383 mil pessoas, 21,3%), indústria (em cerca de 147 mil pessoas, 7,8%), comércio (em cerca de 100 mil pessoas, 4,8%), serviços domésticos (em cerca de 69 mil pessoas, 12,9%) e construção (em cerca de 61 mil pessoas, 10,1%).

No contingente dos trabalhadores pretos & pardos de ambos os sexos, os maiores saldos em termos da ocupação se deram nos seguintes ramos de atividade: outros serviços e atividades (em cerca de 547 mil pessoas, 40,7%), intermediação financeira e etc (em cerca de 544 mil pessoas, 70,6%), indústria (em cerca de 392 mil pessoas, 32,8%), comércio (em cerca de 359 mil pessoas, 23,2%), administração pública (em cerca de 358 mil pessoas, 35,0%), construção (em 237 mil pessoas, 31,5%) e serviços domésticos (em cerca de 157 mil pessoas, 18,8%).

Considerando o saldo da PEA metropolitana ocupada no período 2002-2010, observa-se que 60,0% deste crescimento foi gerado pelo incremento dado pelos trabalhadores e trabalhadoras pretos & pardos, respectivamente: 29,0% e 31,0%. A contribuição dada pelos trabalhadores e trabalhadoras brancas no saldo da PEA metropolitana ocupada foi de 39,5% (homens, 14,7%, mulheres 24,8%).

No saldo das ocupações decomposto pelos ramos de atividade econômica, observa-se que os pretos & pardos responderam pelo crescimento em 78,8% das ocupações na construção e no comércio; por 71,6% das ocupações na indústria; e por 69,9% das ocupações no serviço doméstico, sendo que neste último caso as mulheres pretas & pardas sozinhas responderam por 66,8% do saldo das ocupações neste ramo. Vale salientar que em todos estes casos, a contribuição relativa dos pretos & pardos para o aumento do número de ocupados se deu em uma proporção superior à sua contribuição para o aumento do número de ocupados como um todo (conforme visto 60,0%). Nos setores da intermediação financeira e etc e da administração pública, a contribuição relativa dos pretos & pardos para o crescimento do saldo de ocupados foi de, respectivamente, 50,4% e 51,3%.

Os trabalhadores brancos contribuíram para o crescimento do saldo do número de ocupados em 51,3% na administração pública; em 50,4% nas atividades de intermediação financeira e etc, e em 41,6% nos outros serviços e atividades. Em todos estes três ramos, a contribuição relativa dada pelas pessoas deste grupo de cor ou raça para o crescimento da PEA ocupada se deu em uma proporção superior à sua contribuição para a elevação da PEA ocupada como um todo. Nos demais ramos de atividade, esta contribuição se deu em uma proporção inferior: serviços domésticos, 30,7%; indústria, 27,0%; comércio, 21,9%; e construção, 20,1%.

Considerando as distintas contribuições dos grupos de cor ou raça para o saldo das ocupações por ramo de atividade econômica no período 2002-2010, como resultado ocorreu um processo de mudança da composição de cor ou raça destes diferentes setores. Assim, naquele intervalo a presença dos trabalhadores brancos declinou relativamente em 5,0% na indústria; em 4,8% na intermediação financeira e etc; 4,3% na construção; em 3,2% nos outros serviços e atividades; em 2,5% na administração pública, e em 1,1% nos serviços domésticos.

Coerentemente, a presença relativa dos trabalhadores pretos & pardos nos distintos ramos de atividade cresceu de forma quase perfeitamente correspondente ao decréscimo dos trabalhadores brancos nos mesmos setores. Assim, este crescimento relativo foi de 5,1% na intermediação financeira e etc; de 5,0% na indústria; de 4,2% na construção; de 4,0% no comércio; de 3,5% nos outros serviços e atividades; de 2,5% na administração pública, e de 1,3%, nos serviços domésticos.

4.b. Evolução da ocupação das formas de posição na ocupação (tabelas 7 e 8)

Nesta subseção, os dados analisados versarão sobre o modo pelo qual os diferentes grupos de cor ou raça e sexo se distribuem pelos ramos de atividade econômica. O leitor deve prestar atenção para a diferença desse indicador em relação ao comentado na subseção anterior, que se dedicou a comentar a distribuição de cor ou raça e sexo dos diferentes ramos de atividade.

No ano de 2010, a PEA metropolitana ocupada se distribuía do seguinte modo: comércio, 18,7%; outros serviços e atividades, 18,2%; indústria, 16,6%; administração pública, 16,3%; intermediação financeira e etc, 15,4%; construção, 7,5%; e serviços domésticos, 7,2%.

No contingente de cor ou raça branca, a PEA metropolitana ocupada se decompunha da seguinte maneira: administração pública e comércio, 18,5%; outros serviços e atividades, 17,8%; indústria e intermediação financeira e etc, 17,3%; construção, 5,1%; serviços domésticos, 5,1%.

O contingente ocupado de cor ou raça preta & parda, por sua vez, se decompunha nos seguintes percentuais: comércio, 18,9%; outros serviços e atividades, 18,8%; indústria, 15,8%; administração pública, 13,7%; intermediação financeira e etc, 13,1%; construção e serviços domésticos, 9,9%.

Analizando-se estas diferentes distribuições, verifica-se que no ano de 2010, os trabalhadores ocupados brancos, comparativamente aos trabalhadores ocupados

dos pretos & pardos, apresentavam maior peso relativo nos setores da administração pública (em 4,7 pontos percentuais), intermediação financeira e etc (em 4,3) e indústria (em 1,5 ponto percentual). Já os trabalhadores ocupados pretos & pardos, comparativamente aos trabalhadores ocupados brancos, apresentavam maior probabilidade de se verem ocupados no serviço doméstico (em 4,8 pontos percentuais), da construção (em 4,3), dos outros serviços e atividade (em 1,0) e no comércio (em 0,4).

Abaixo serão vistos os três principais campos de ocupação no ano de 2010 para os grupos de cor ou raça e sexo. Devido à sua natureza extremamente heterogênea, na hierarquização, será excluído o setor das outros serviços e atividades.

Entre os homens brancos, os três principais ramos de atividade em termos de ocupação foram: indústria (20,2%), comércio (19,4%) e intermediação financeira e etc (18,7%). Entre os homens pretos & pardos, os três principais campos de ocupação foram: comércio (20,0%), indústria (18,5%) e construção (17%).

No contingente das mulheres brancas ocupadas, os três principais ramos de atividade em termos ocupacionais foram: administração pública (25,8%), comércio (17,4%) e intermediação financeira e etc (15,7%). No grupo das trabalhadoras pretas & pardas ocupadas, os três principais setores em termos do número de ocupações foram: serviços domésticos (21,2%), administração pública (19,3%) e comércio (17,6%).

Ao longo do intervalo 2002 e 2010, a PEA ocupada se

**Tabela 7. Distribuição da média de ocupados por ramo de atividade, Brasil, 2002
(em % do ramo de atividade)**

	Indústria	Construção	Comércio	Intermediação financeira etc	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços e Atividades	Total
Homens Brancos	21,5%	9,6%	22,2%	16,1%	11,5%	0,4%	18,7%	100,0%
Mulheres Brancas	15,1%	1,1%	18,5%	13,1%	26,0%	11,6%	14,6%	100,0%
Brancos	18,7%	5,9%	20,6%	14,8%	17,8%	5,3%	16,9%	100,0%
Homens Pretos & Pardos	18,4%	16,6%	22,7%	12,0%	9,8%	0,9%	19,6%	100,0%
Mulheres Pretas & Pardas	12,6%	1,0%	17,9%	7,9%	19,2%	25,6%	15,8%	100,0%
Pretos & Pardos	16,0%	10,1%	20,7%	10,3%	13,7%	11,2%	18,0%	100,0%
Homens	20,2%	12,5%	22,5%	14,4%	10,7%	0,6%	19,1%	100,0%
Mulheres	14,1%	1,1%	18,3%	11,0%	23,2%	17,3%	15,1%	100,0%
PEA Total	17,6%	7,6%	20,7%	12,9%	16,1%	7,7%	17,4%	100,0%

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

**Tabela 8. Distribuição da média de ocupados por ramo de atividade, Brasil, 2010
(em % do ramo de atividade)**

	Indústria	Construção	Comércio	Intermediação financeira etc	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços e Atividades	Total
Homens Brancos	20,2%	9,5%	19,4%	18,7%	12,1%	0,5%	19,5%	100,0%
Mulheres Brancas	13,9%	1,0%	17,4%	15,7%	25,8%	10,5%	15,7%	100,0%
Brancos	17,3%	5,6%	18,5%	17,3%	18,5%	5,1%	17,8%	100,0%
Homens Pretos & Pardos	18,5%	17,0%	20,0%	14,4%	9,3%	0,8%	20,0%	100,0%
Mulheres Pretas & Pardas	12,3%	0,9%	17,6%	11,4%	19,3%	21,2%	17,2%	100,0%
Pretos & Pardos	15,8%	9,9%	18,9%	13,1%	13,7%	9,9%	18,8%	100,0%
Homens	19,4%	13,0%	19,7%	16,7%	10,8%	0,6%	19,7%	100,0%
Mulheres	13,2%	0,9%	17,5%	13,8%	22,9%	15,2%	16,4%	100,0%
PEA Total	16,6%	7,5%	18,7%	15,4%	16,3%	7,2%	18,2%	100,0%

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Nota 2: média dos meses de março a dezembro para manter comparabilidade com o ano de 2002

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

redistribuiu, ampliando a importância da intermediação financeira (em 2,5 pontos percentuais), dos outros serviços e atividades (em 0,8); e da administração pública (em 0,2). Por outro lado, perdeu peso relativo no total de ocupados: o comércio (em 2,0 pontos percentuais), a indústria (em 1,0), os serviços domésticos (em 0,5) e a construção (em 0,1).

No mesmo intervalo de tempo, na distribuição dos trabalhadores brancos ocupados por ramo de atividade, ocorreu um aumento da participação relativa da intermediação financeira e etc (em 2,6 pontos percentuais), dos outros serviços e atividades (em 0,8) e da administração pública (em 0,7). Nos demais setores, ocorreu um declínio da importância relativa enquanto campo de ocupação para os trabalhadores deste grupo de cor ou raça: comércio (em 2,1 pontos percentuais), indústria (em 1,5), construção (em 0,3) e serviços domésticos (em 0,2).

Na PEA metropolitana ocupada de cor ou raça preta & parda, entre 2002 e 2010, se deu uma elevação da importância relativa da ocupação nos ramos da intermediação financeira (em 2,8 pontos percentuais) e dos outros serviços e atividades (em 0,8). Dentro deste mesmo grupo, perceberam reduções relativas enquanto campo ocupacional os ramos do comércio (em 1,8 ponto percentual), do serviço doméstico (em 1,3) e da indústria e construção (em ambos os casos, em 0,2). Ao contrário do ocorrido entre os ocupados brancos, o peso relativo de pretos & pardos na administração pública manteve-se o mesmo, tanto em 2002, quanto em 2010: 13,7%.

Naquele mesmo período de tempo, entre os homens brancos, ocorreu uma ampliação relativa da ocupação na intermediação financeira e etc (em 2,7 pontos percentuais), dos outros serviços e atividades (em 0,8), da administração pública (em 0,7) e dos serviços domésticos (em 0,1). Tiveram queda relativa neste grupo de cor ou raça ou sexo, os ramos do comércio (em 2,8 pontos percentuais), indústria (em 1,3) e da construção (em 0,1).

No contingente dos homens pretos & pardos, a distribuição da ocupação caminhou no sentido da ampliação da importância relativa da intermediação financeira e etc (em 2,3 pontos percentuais), dos outros serviços e atividades (em 0,5), da construção (em 0,4) e da indústria (em 0,1). Neste contingente, perderam peso relativo enquanto campo de ocupação, os ramos do comércio (em 2,7 pontos percentuais), da administração pública (em 0,5) e dos serviços domésticos (em 0,1).

No intervalo 2002-2010, no grupo das mulheres brancas ocupadas, ocorreu uma ampliação do peso relativo da intermediação financeira e etc (em 2,7 pontos percentuais) e dos outros serviços e atividades (em 1,2). Nos demais ramos, ocorreu declínio da importância relativa no total das ocupações: indústria (em 1,2 ponto percentual), comércio e serviço doméstico (em 1,1), administração pública (em 0,2) e construção (em 0,1).

Na PEA metropolitana ocupada do sexo feminino de cor ou raça preta & parda ocorreu, no mesmo intervalo de tempo, uma ampliação do peso relativo da intermediação financeira (em 3,5 pontos percentuais), dos outros serviços e atividades (em 1,4) e da administração

pública (em 0,1). Perderam peso relativo neste grupo as ocupações nos ramos do serviço doméstico (em 4,3 pontos percentuais), indústria e comércio (em 0,3) e da construção (em 0,1).

5. Comentários finais

Conforme mencionado na Introdução, o objetivo deste número do “Tempo em Curso” foi uma análise dos oito anos compreendidos durante o mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) em termos de seus efeitos sobre as desigualdades de cor ou raça no acesso ao mercado de trabalho.

De fato, desde a última edição do “Tempo em Curso”, já parecia inequívoco que o período analisado havia trazido diversas alterações no perfil do mercado de trabalho brasileiro, especialmente em termos do rendimento médio habitual do trabalho principal, que caminhou no sentido de sua elevação; e das taxas de desemprego e informalidade, que caminharam no sentido de sua redução. No bojo deste processo pode-se verificar um hipoteticamente inédito movimento de declínio das reduções das desigualdades de cor ou raça, seja medindo-a em termos do rendimento habitual médio do trabalho, seja com os indicadores de desemprego e informalidade.

Este tipo de movimento poderia sugerir que o período correspondente ao mandato do ex-presidente Lula estaria sujeito a ter sido marcado por algo que a literatura econômica contemporânea vem classificando como “*pro-poor-growth*”, ou crescimento pró-pobre. Neste caso, o modelo de crescimento adotado por um determinado país se traduziria justamente em elevadas taxas de crescimento, se fazendo acompanhar pela redução da taxa da pobreza ou indigência, bem como pela redução das desigualdades sociais. Adaptando esta conceituação para o eixo da presente análise, poder-se-ia aventar uma hipótese de que o Brasil estaria caminhando no sentido de um modelo que poderia ser classificado como “*pro-afrodescendant-growth*” (crescimento pró-afrodescendente).

De fato, numa abordagem mais detida sobre o modo de inserção dos grupos de cor ou raça pelos ramos de atividade econômica ao longo deste período haveria motivos adicionais para se supor que estar-se-ia caminhando nesta direção.

Assim, o fato de ter ocorrido um aumento mais que proporcional de ocupados pretos & pardos no setor

industrial (32,8%, frente a 14,2% dos trabalhadores brancos) sugere que tal processo teria se dado tanto acompanhando a nova inserção da economia brasileira na economia mundial, bem como influenciado pelo crescimento do mercado interno brasileiro e o processo de um já comprovado aumento do poder aquisitivo da camada mais pobre da população residente. Também o maior ritmo de crescimento da ocupação dos pretos & pardos, comparativamente aos brancos, na construção (crescimento respectivo na ocupação de 31,5% e 10,1%), no comércio (23,2% e 4,8%), na intermediação financeira e etc (70,6% e 21,3%) e na administração pública (35,0% e 21,3%), igualmente reforçam esta hipótese. No mesmo rumo, poderia ser mencionada a redução do peso relativo dos serviços domésticos no seio do contingente preto & pardo ocupado, especialmente entre as pessoas do sexo feminino.

Decerto, seria precipitado avançar nesta abordagem no presente momento, não somente por uma questão do espaço disponível para tanto, mas, igualmente, pelo fato de que a PME talvez não seja uma base de dados suficientemente ampla do ponto de vista de sua cobertura geográfica para permitir a comprovação de semelhante suposição. Mas, de qualquer maneira, esta reflexão pode sugerir importantes desdobramentos analíticos futuros.

De qualquer maneira, na contramão da hipótese de que pura e simplesmente poder-se-ia identificar no período do mandato do ex-presidente Lula um modelo de crescimento pró-afrodescendente, podem ser mencionados dois vetores.

Em primeiro lugar, perceba-se que as transformações recentes na forma de inserção da economia brasileira na economia mundial não devem ser lidas num sentido propriamente positivo. É sabido que, nas duas últimas décadas, a pauta de exportações brasileiras apresentou crescimento do setor exportador de commodities em detrimento dos produtos manufaturados e que a economia brasileira caminhou no sentido da ampliação da participação da importação dos componentes de maior sofisticação tecnológica. Logo, a questão que emerge é se seria propriamente razoável considerar positiva a maior inserção dos pretos & pardos tanto na indústria, como nos demais ramos, justamente dentro deste contexto? Ou, dito de outra forma, será que os processos redistributivos – tanto social, como em termos de cor ou raça – precisariam se dar num contexto de primarização da estrutura produtiva brasileira?

Em segundo lugar, o fato é que mesmo com todos os avanços obtidos num período recente, as formas de inserção dos grupos de cor ou raça no mercado de trabalho brasileiro seguem sendo pronunciadamente desiguais. Assim, recuperando alguns indicadores analisados acima, o fato é que, mesmo no novo cenário, os brancos ainda respondiam pelo contingente majoritário nos ramos de atividades da administração pública (60,7%), intermediação financeira (60,3%) e indústria (55,8%), ao passo que os pretos & pardos seguem predominantes justamente nos ramos da construção (59,7%) e nos serviços domésticos (62,0%). No mesmo rumo, relembrando as conclusões do último “Tempo em Curso”, também as distribuições e pesos relativos dos diferentes grupos de cor ou raça nas distintas posições na ocupação, igualmente, remetiam para um cenário de alterações

antes marginais, do que propriamente estruturais de vínculos de trabalhadores brancos e pretos & pardos com o mercado de trabalho.

Neste sentido, avança-se a conclusão de que se determinados fatores de fundo de natureza estrutural (ritmo e forma específica de crescimento da economia, inflação sob controle, etc) podem contribuir para a redução das desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho, tais vetores sozinhos talvez evidenciem serem incapazes de produzir uma mudança mais substancial da realidade das profundas desigualdades tradicionalmente existentes. Neste caso, parece quase uma derivação lógica de que tal “complemento” seria possível de ser gerado justamente através das políticas de ações afirmativas em prol dos afrodescendentes no mercado de trabalho brasileiro.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão

Programação de indicadores estatísticos

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadora Assistente

Irene Rossetto Giaccherino

Bolsista de Graduação

Guilherme Câmara

(PIBIC – CNPq)

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Coordenação Estatística

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadores Assistentes

Cléber Julião

Irene Rossetto Giaccherino

Sandra Regina Ribeiro

Coordenação dos Cursos de Extensão

Azoida Loretto

Sandra Regina Ribeiro

Bolsistas de Graduação

Danielle Oliveira (PBICT – CNPq)

Guilherme Câmara (PIBIC – CNPq)

Elaine Carvalho – Curso de Extensão (UNIAFRO)

Elisa Monçores (Fundação Ford)

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração Eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford



FORDFOUNDATION